

CADEIRA 02

PATRONO - Aderaldo Ferreira de Araújo



Aderaldo Ferreira de Araújo, (o Cego Aderaldo), nasceu no dia 24 de junho de 1878 na cidade do Crato - CE. Logo após seu nascimento mudou-se para a cidade de Quixadá. Aos cinco anos de idade começou a trabalhar, tendo em vista a doença do pai, tornando-se provedor da família e assumindo sozinho, a responsabilidade pelos genitores, desde cedo. Quinze dias após a morte de seu pai, (em 25 de março de 1896), quando tinha 18 anos e trabalhava como maquinista na Estrada de Ferro de Baturité, sua visão se foi depois de uma forte dor nos olhos.

Sem uma assistência previdenciária, pobre, cego e com poucos a quem recorrer, teve um sonho em verso certa vez, ocasião em que descobriu seu dom para cantar e improvisar. Ganhou uma viola na qual aprendeu a tocar. Logo começou a tocar rabeça. Algum tempo depois, quando tudo parecia estar voltando à estabilidade, sua mãe morre. Sozinho começou a andar pelo sertão cantando e recebendo dinheiro pelo novo meio de vida. Percorreu todo o Ceará, partes do Piauí e de Pernambuco. Com o tempo sua fama foi aumentando.

Em 1914 se deu a famosa peleja com Zé Pretinho (maior cantador do Piauí). Depois disso voltou para Quixadá, mas, com a seca de 1915, resolveu tentar a vida no Pará. Voltou para Quixadá por volta de 1920 e só saiu dali em 1923, quando resolveu conhecer o Padre Cícero. Rumou para Juazeiro onde o próprio Padre Cícero veio receber o trovador que já tinha fama. Algum tempo depois foi a vez de cantar para Lampião, que satisfez seu pedido - feito em versos - de ter um revólver do cangaceiro.

Tentando mudar o estilo de vida de cantador, em 1931, comprou um gramofone e alguns discos que usava para divertir o povo do sertão apresentando aquilo que ainda era novidade mesmo na capital. Conseguiu o que queria, mas o povo ainda o queria escutar. Logo depois, em 1933, teve a idéia de apresentar vídeos. Que também deu certo, mas não o realizava tanto. Resolveu se estabelecer em Fortaleza em 1942, onde veio a abrir uma bodega na Rua da Bomba, No. 2. Infelizmente o seu traquejo de trovador não servia para o comércio e depois de algum tempo fechou a bodega com um prejuízo considerável.

Desde 1945, então com 67 anos, Cego Aderaldo parou de aceitar desafios. Mas também, já tinha rodado o sertão inúmeras vezes, conseguira ser reconhecido em todo lugar, cantara para muitas pessoas importantes, tivera pelejas com os

maiores cantadores. E, na medida em que a serenidade, que só o tempo traz ao homem, começou a dificultar as disputas de peleja, ele resolveu passar a cantar apenas para entreter a alma. Cego Aderaldo nunca se casou e diz nunca ter tido vontade, mas costumava ter uma vida de chefe de família, pois criou 24 meninos, como filhos adotivos. Faleceu em Fortaleza - Ceará aos 89 anos de idade, no dia 29 de junho de 1967. (Texto extraído do livro "Eu sou o Cego Aderaldo", prefácio de Rachel de Queiroz, Maltese Editora — São Paulo, 1994. - Fonte: Rachel de Queiroz).

Por sua biografia a Academia Quixadaense de Letras – AQL acolheu a indicação de seu nome, conferindo-lhe em votação unânime, o título de Imortal como Patrono da Cadeira 02. (Biografia reorganizada pelo prof.: Antônio Martins de Almeida Filho – Cadeira 28 da AQL).

ACADÊMICOS DA CADEIRA 02

- 1. Francisco Carlos Carvalho da Silva** - Fundador da Cadeira 02 da Academia Quixadaense de Letras. Em 19/07/2012 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 19/07/2012 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 27/10/2012, foi empossado como imortal, ocupando a cadeira 02, cujo patrono perpétuo é Aderaldo Ferreira de Araújo. A pedido, o acadêmico se desligou da agremiação gerando, assim, vacância na respectiva cadeira.



- 2. Francisco Guilherme Calixto Moreira** – Tornou-se titular da cadeira 02 da Academia Quixadaense de Letras. Em 16/08/2017 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 18/09/2017 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 28/04/2018, foi empossado.



Autobiografia do Poeta Francisco Guilherme Calixto Moreira

I
Pra quem já me conheceu
E pra quem não me conhecia
Eu vou escrever em verso
A minha biografia
Para dizer quem fui eu
E como estou sendo hoje em dia.

II
Eu nasci no interior
Sou filho de camponês
No sertão de Quixadá
Pisei a primeira vez
No dia três de julho
De mil novecentos e quarenta e seis.

III
Meu pai foi um grande pai
Minha mãe grande caseira
Ele muito prestativo
Ela muito acolhedora
Maria Nazaré de Souza
Luiz Calixto Moreira.

IV
Meus pais de família humilde
De agricultura viveram
Foram pais de nove filhos
Todos lhes obedeceram
E eu sou o quarto filho
Dos nove irmãos que nasceram.

V
Com dez anos de idade
Tive uma grande alegria
Quando papai me chamou
Pra assistir uma cantoria
Foi aí que descobri
Que tinha o dom da poesia.

VI
Dei boa noite aos poetas
Com meu simples dialeto
Perguntei os nomes deles
Um disse com muito afeto
Eu sou Alberto Porfírio
E ele é o Bemtivi Neto.

VII
Um deles disse menino
Eu lhe peço por favor
Diga seu nome pra nós
Onde é o seu interior
Por que você leva jeito
Pra ser um bom cantador.

VIII
Aí pra ele eu falei
Nessa conversa eu insisto
Você não me conhecia
E eu nunca tinha lhe visto
É uma honra dizer
Eu sou Guilherme Calixto.

IX
Alberto Porfírio disse
Meu garoto muito bem
E falou para o papai
O dom poético ele tem
Compre uma viola pra ele
Que ele vai cantar também.

X
Depois das doze horas
Terminaram a cantoria
Voltei com meu pai pra casa
Com a mente em sintonia
Daquele dia pra frente
Só pensava em poesia.

XI
Me inspirei na natureza
Apesar da pouca idade
Cantando o sertão vegético
Com toda propriedade
Em tudo eu fazia um verso
Com maior facilidade.

XII

Depois de dezesseis anos
Mais outra grande alegria
Papai me deu uma viola
E eu saí com Zé Maria
Pra fazer em São Luiz
A primeira cantoria.

XIII

Quando peguei a viola
Comecei a dedilhar
E fiz o primeiro verso
Vi a plateia vibrar
Batendo palmas e dizendo
Oh rapazim pra cantar.

XIV

Daí pra frente eu senti
A maior desenvoltura
Preservando a tradição
Com uma grande estrutura
Me dispus de corpo e alma
Defender nossa cultura.

XV

Papai já ficando velho
Me chamou pra me dizer
Vou lhe fazer um pedido
Se poder me atender
Faça o que for possível
Pra cultura não morrer.

XVI

Penetrei sem timidez
Nas camadas sociais
Enfrentei os cantadores
Nos maiores festivais
Pra zelar nossas culturas
Que são tradicionais.

XVII

Depois pensei nas culturas
Que o nosso nordeste tem
Vaquejadas e anedotas
Pra não excluir ninguém
Boneco e Bumba-meu-Boi
Que são Culturais também.

XVIII

Eu promovo festivais
Cantoria mensalmente
Dando vez quem não tem vez
Levando o progresso à frente
Pra ver se não se acaba
A cultura do repente.

XIX

Se disputo com os colegas
Permaneço muito atento
Quando ganho não gargalho
Quando perco não lamento
Porque não é todo dia
Que a gente tá cem por cento.

XX

Há se eu tivesse recurso
Uma verba bem elevada
Patrocinava forró
Cantoria e vaquejada
A cultura do repente
Era mais valorizada.

XXI

Continuo renovando
A cultura “envelhecida”
Resgatando nossa história
Para não ficar esquecida
Mas vou falar um pouquinho
Na parte técnica da vida.

XXII

Ganhei duzentos troféus
No nordeste brasileiro
Gravei dezesseis CD's
Seis DVD's com um parceiro
Fora os cachês recebidos
Que foram pagos em dinheiro.

XXIII

Escrevi cordéis falando
Na política do Irã
África do Sul e Egito
Beleza de Canaã
Depois escrevi um livro
Falando em Malba Tahan.

XXIV

Continuo escrevendo
Não me canso de escrever
Estou escrevendo outro
Bem melhor de entender
Com um título sugestivo
Esse livro é bom de ler.

XXV

Me tornei um escritor
Pra honrar nossa bandeira
Entrei na Academia
De letras tão pioneira
E ocupo a cadeira dois
De Aderaldo Ferreira.

XXVI

Certa vez fui contratado
Pago pela prefeitura
Pra ensinar mais depois
Deixei a Legislatura
Porque vi que precisava
Cuidar melhor da cultura.

XXVII

Casei aos dezoito anos
Com uma moça muito bela
Depois de nascer dois filhos
Deus veio e carregou ela
E eu fiquei com a missão
De fazer por mim e por ela.

XXVIII

Com os dois filhos que nasceram
Eu estou muito satisfeito
O mais velho é o Ivan
É casado e tem respeito
E o Cleiton é intelecto
É bacharel em direito.

XXIX

Um dia eu disse aos meus filhos
Um pedido vou fazer
Quando eu deixar o planeta
Daqui desaparecer
Façam por nossa cultura
O que eu não pude fazer.

XXX
Termino a biografia
Muito resumidamente
Se eu fosse escrever minha vida
Do passado pra o presente
Um livro de treze mil páginas
Não era suficiente.
